



TENDÊNCIAS DEMOGRÁFICAS

UMA ANÁLISE DOS CENSOS
DEMOGRÁFICOS E DA
CONTAGEM DA POPULAÇÃO 1996

volume 17

Bahia

2ª edição

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão
Martus Antônio Rodrigues Tavares

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Presidente
Sérgio Besserman Vianna

Diretor de Planejamento e Coordenação
Nuno Duarte da Costa Bittencourt

ÓRGÃOS TÉCNICOS SETORIAIS

Diretoria de Pesquisas
Maria Martha Malard Mayer

Diretoria de Geociências
Trento Natali Filho

Diretoria de Informática
Paulo Roberto Ribeiro da Cunha

Centro de Documentação e Disseminação de Informações
David Wu Tai

Escola Nacional de Ciências Estatísticas
Kaizô Iwakami Beltrão

UNIDADE RESPONSÁVEL

Diretoria de Pesquisas

Departamento de População e Indicadores Sociais
Luiz Antônio Pinto de Oliveira

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE
DIRETORIA DE PESQUISAS
DEPARTAMENTO DE POPULAÇÃO E INDICADORES SOCIAIS

Tendências Demográficas

**Uma análise dos Censos Demográficos e
da Contagem da População de 1996**

volume 17

Bahia

2ª edição

Rio de Janeiro
1999

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - 20021-120 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

ISBN 85-240-0740-0 (obra completa)

ISBN 85-240-0748-6 volume 17 Bahia

© IBGE, 1999

1ª edição - 1998

2ª edição - 1999

Projeto Editorial

Divisão de Editoração-DIEDI/Departamento
de Editoração e Gráfica-DEDIT/CDDI

Estruturação

Carmen Heloisa Pessoa Costa
Elizabeth Santos da Fontoura
Neuza Maria de O. G. Damásio
Sonia Gonçalves da Rocha

Copidesque e Revisão

Anna Maria dos Santos
Cristina Ramos Carlos de Carvalho
Iaracy Prazeres Gomes
Kátia Domingos Vieira
Maria de Lourdes Amorim

Projeto Gráfico e Diagramação

Sebastião Monsores
Maria da Graça Fernandes de Lima

Normalização das Fontes Bibliográficas

Divisão de Documentação - DIDOC/CDDI
Aparecida Tereza Rodrigues Regueira

Impressão

Centro de Documentação e Disseminação
de Informações - CDDI/IBGE, em meio
digital em 1999.

Capa

Divisão de Criação - DIVIC/CDDI
Maria José Salles Monteiro

Tendências demográficas : uma análise dos
Censos Demográficos e da Contagem da
População 1996 / IBGE, Departamento de
População e Indicadores Sociais. - 2. ed.
- Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

28v.

Os volumes estão apresentados por Brasil,
Distrito Federal e Unidades da Federação.

ISBN 85-240-0740-0 (obra completa)

1. Brasil - População - Estatística. I. IBGE.
Departamento de População e
Indicadores Sociais.

IBGE.CDDI.Div. de Biblioteca e Acervos Especiais CDU 312(81)
RJ/IBGE/99-14 EST

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

Equipe Técnica

Este trabalho foi desenvolvido na Divisão de Estudos e Análises Demográficas - DIEAD, pela Gerência de Análises Estruturais e Espaciais da População - ANEP/DIEAD.

Divisão de Estudos e Análises Demográficas

Juarez de Castro Oliveira

Gerência de Análises Estruturais e Espaciais da População

Nilza de Oliveira Martins Pereira (Coordenação Técnica)
Cláudia Bahia de Araujo, Jorge da Silva,
Leila Regina Ervatti, Kelly Cristina Fernandes Maluf,
Mário Fernandes Filho e Ivan Ribeiro da Fonseca

Apoio Computacional

Paulo Roberto V. Rudolphi, Edgard de Toledo S. Campos,
Marcos Ribeiro de Mattos e João Raposo Belchior

Apoio Administrativo

Elizabeth Costa Bezerra

Agradecimentos

Ari Nascimento Silva (assessoria na utilização do Software REDATAM, Recuperação de Dados de Áreas Menores, na geração de algumas tabulações)

Celso das Mercês Pereira (colaboração nos textos)

Apresentação

Esta publicação tem como objetivo colocar ao alcance dos usuários em geral, uma síntese de indicadores básicos demográficos e socioeconômicos da população dos estados brasileiros, utilizando informações dos Censos Demográficos e da Contagem da População 1996. Os resultados são apresentados em forma de tabelas, gráficos e mapas municipais georreferenciados.

Os temas abordados englobam a Evolução da População do Estado, Estrutura por Sexo e Idade, Nupcialidade, Migrações Internas, Raça ou Cor, Religião, Deficiência Física ou Mental, Níveis de Escolaridade, Família, Domicílio e Características Econômicas.

Rio de Janeiro, RJ, fevereiro de 1999

Maria Martha Malard Mayer

Diretora de Pesquisas

Sumário

Características demográficas e socioeconômicas da população

Características demográficas

Evolução da população total no estado	9
Estrutura por sexo e idade	15
Nupcialidade	21
Migrações internas	25

Características sociais e econômicas

Raça ou cor	27
Religião	31
Deficiência física ou mental	33
Nível de escolaridade	36
Família	37
Domicílio	40
Características econômicas	43

Características demográficas e socioeconômicas da população

Características demográficas

Evolução da população total no estado

O Estado da Bahia atingiu em 1^a de agosto, segundo os resultados da Contagem da População 1996, um total de 12 541 675 habitantes. Este contingente populacional cresceu a um ritmo de 1,13% ao ano, o menor observado nos últimos censos. Com a intensificação do declínio da fecundidade, ocorrido de forma generalizada no Brasil, principalmente a partir da década de 80, o ritmo de crescimento populacional vem desacelerando.

As informações provenientes da Contagem da População 1996 mostraram que a população cresceu, em termos absolutos, 673 684 habitantes, correspondendo a um acréscimo de 5,68% em relação à população de 1991.

Confirmando uma tendência historicamente consolidada, a Contagem da População 1996 revelou a continuidade do processo de urbanização que vem ocorrendo no estado. O aumento do grau de urbanização foi resultado do acréscimo de 810 mil habitantes, ou seja, 11,54% em relação à população urbana de 1991. Esse incremento foi basicamente em consequência de três fato-

res; do próprio crescimento vegetativo nas áreas urbanas, da migração, sobretudo dentro do próprio estado, com destino urbano e, em pequena escala, da incorporação de áreas que em censos anteriores eram consideradas rurais.

Tabela 1
População nas datas dos recenseamentos gerais e taxa média geométrica de crescimento anual - 1960/1996

Data dos recenseamentos gerais	População residente	Taxa média geométrica de crescimento anual (%)
Total		
1 ^a de setembro de 1960	5 920 447	2,38
1 ^a de setembro de 1970	7 493 470	2,35
1 ^a de setembro de 1980	9 454 346	2,09
1 ^a de setembro de 1991	11 867 991	1,13
1 ^a de agosto de 1996	12 541 675	
Urbana		
1 ^a de setembro de 1960	2 032 922	4,26
1 ^a de setembro de 1970	3 085 483	4,21
1 ^a de setembro de 1980	4 660 304	3,79
1 ^a de setembro de 1991	7 016 770	2,25
1 ^a de agosto de 1996	7 826 843	
Rural		
1 ^a de setembro de 1960	3 887 525	1,26
1 ^a de setembro de 1970	4 407 987	0,84
1 ^a de setembro de 1980	4 794 042	0,11
1 ^a de setembro de 1991	4 851 221	(-) 0,58
1 ^a de agosto de 1996	4 714 832	

Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991 e Contagem da População 1996, microdados; Censo demográfico 1960-1970. Rio de Janeiro: IBGE, 1966-1973.

Tabela 2
Crescimento absoluto e relativo da população residente, segundo a situação do domicílio e sexo - 1980/1996

Situação do domicílio e sexo	Crescimento da população residente			
	Absoluto		Relativo (%)	
	1980/1991	1991/1996	1980/1991	1991/1996
Total	2 413 645	673 684	25,53	5,68
Homens	1 190 958	325 184	25,52	5,55
Mulheres	1 222 687	348 500	25,54	5,80
Urbana	2 356 466	810 073	50,56	11,54
Homens	1 128 406	390 733	50,43	11,61
Mulheres	1 228 060	419 340	50,69	11,49
Rural	57 179	(-) 136 389	1,19	(-) 2,81
Homens	62 552	(-) 65 549	2,58	(-) 2,63
Mulheres	(-) 5 373	(-) 70 840	(-) 0,23	(-) 3,00

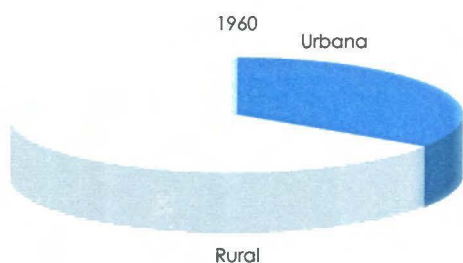
Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991 e Contagem da População 1996, microdados.

Tabela 3
Grau de urbanização - 1960/1996

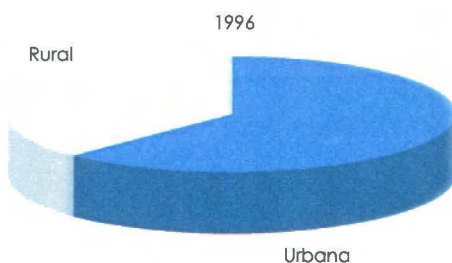
Grau de urbanização (%)	1960	1970	1980	1991	1996
	34,34	41,18	49,29	59,12	62,41

Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991 e Contagem da População 1996, microdados; Censo demográfico 1960-1970. Rio de Janeiro: IBGE, 1966-1973.

Grau de urbanização - 1960/1996



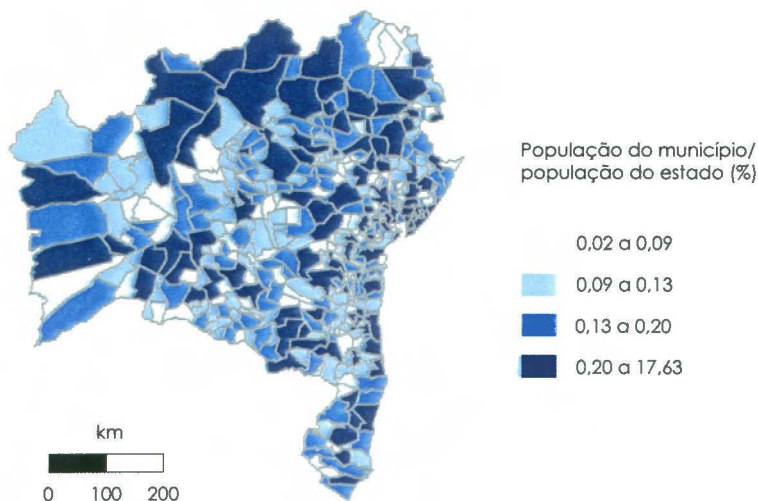
Fonte: Censo demográfico 1960.
Rio de Janeiro: IBGE, 1966.



Fonte: Diretoria de Pesquisas, Contagem da População 1996, microdados.

O Estado da Bahia ocupa a quarta posição no *ranking* nacional, concentrando 7,98% da população total do País. Dentro do *ranking* regional, o estado vem ocupando a primeira posição, mantendo praticamente a mesma participação (28,02%) que a do Censo Demográfico 1991 (27,93%). O Estado da Bahia está dentre os mais populosos e juntamente com os Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná concentram, aproximadamente, 60,00% da população brasileira.

Participação da população dos municípios no total do estado - 1996



Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Contagem da População 1996, microdados; Malha municipal digital do Brasil [CD-ROM]: situação em 1991 e 1994. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

A região metropolitana de Salvador registrou um ritmo de crescimento de 1,68%, superando o interior¹ do estado, da ordem de 0,98%. A Região Metropolitana reunia, em 1996, um conjunto de 2 709 084 habitantes, que correspondia a 21,60% da população total do estado. No período de 1991-1996, a periferia metropolitana contribuiu com um crescimento absoluto de 76 297 pessoas, representando um crescimento relativo de 18,11%, superior ao núcleo metropolitano.

A densidade demográfica cresceu 5,69%, passando de 20,92 hab./km², em 1991, para 22,11 hab./km² em 1996.

Tabela 4
População residente, crescimento relativo, participação relativa, e taxa média geométrica de crescimento anual - 1991/1996

Estado, Região metropolitana e Interior	População residente		Crescimento relativo (%) 1991/1996	Participação relativa		Taxa média geométrica de crescimento anual (%) 1991/1996
	1991	1996		1991	1996	
Estado	11 867 991	12 541 675	5,68	100,00	100,00	1,13
Região Metropolitana	2 496 521	2 709 084	8,51	21,04	21,60	1,68
Núcleo	2 075 273	2 211 539	6,57	17,49	17,63	1,30
Periferia	421 248	497 545	18,11	3,55	3,97	3,44
Interior	9 371 470	9 832 591	4,92	78,96	78,40	0,98

Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1991 e Contagem da População 1996, microdados.

Nota: Para efeito de comparação as informações de 1991 foram compatibilizadas segundo a malha territorial de 1996.

O conjunto dos dez municípios mais populosos da Bahia, em 1996, reunia 4,03 milhões de pessoas que correspondiam a 32,20% da população estadual. A capital Salvador concentrava 17,63% do efetivo populacional do estado, ou seja, 2 211 539 pessoas, cabendo aos demais municípios, cuja população está compreendida entre 113 mil e 450 mil habitantes o equivalente a 14,57%.

¹ Considera-se "interior" o espaço territorial do estado, exceto o da região metropolitana.

Tabela 5
Municípios mais populosos e municípios com maiores
taxas médias geométricas de crescimento anual - 1991/1996

Municípios mais populosos	População residente	Municípios com maiores taxas	Taxa (%) 1991/1996
Teresina	655 473	Lagoa do Barro do Piauí	5,15
Parnaíba	131 885	Miguel Leão	4,40
Picos	76 194	São José do Divino	4,35
Piripiri	59 921	Marcolândia	4,04
Campo Maior	59 300	Nossa Senhora dos Remédios	3,88
Floriano	52 222	Baixa Grande do Ribeiro	3,88
Pedro II	44 875	Lagoa Alegre	3,23
Barras	44 083	Dom Expedito Lopes	2,65
Altos	38 136	Gilbués	2,64
Oeiras	37 502	Piracuruca	2,26

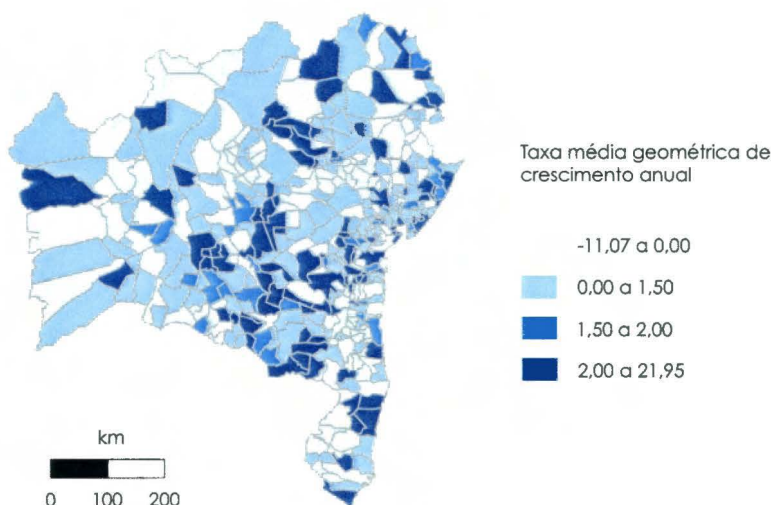
Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1991 e Contagem da População 1996, microdados.

Dos dez municípios que apresentaram as maiores taxas de crescimento do estado, nos últimos cinco anos, percebe-se que o maior percentual foi encontrado no Município de Santa Cruz Cabralia (21,95%) e o menor foi no Município de Potiraguá, com 7,25%. A menor taxa de crescimento do estado (-10,85%), no período de 1991-1996, foi encontrada no Município de Cairu.

A proporção de municípios que apresentaram uma taxa de crescimento acima de 2,5% ao ano, no período de 1991-1996, atingiu 17,83% do total do estado, sendo que o destaque ficou para os municípios considerados de médio porte (10 000 a 50 000 habitantes), que dentre os que cresceram a este ritmo, foi 77,03% do total do grupo. Os demais ficaram distribuídos entre os que tinham me-

nos de 10 000 habitantes (12,16%), mais de 50 000 a 100 000 habitantes (5,41%) e mais de 100 000 a 500 000 habitantes (5,41%).

Taxa média geométrica de crescimento anual - 1991/1996



Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1991 e Contagem da População 1996, microdados; Malha municipal digital do Brasil [CD-ROM]: situação em 1991 e 1994. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

Estrutura por sexo e idade

No Estado da Bahia, a Contagem da População 1996 indicou um excedente de 175 493 mulheres, em relação ao número total de homens, o que resultou em uma razão de sexo de 97,24%. Cenários opostos podem ser observados ao se analisar o indicador, segundo as situações de residência urbana e rural. Enquanto na área urbana registrou-se um número médio de 92 homens para cada 100 mulheres, no contexto rural do estado essa relação se inverte, ao ser revelada a existência de 106 homens para cada grupo de 100 mulheres. Esse fato pode ser comumente explicado pela natureza das atividades agrícolas e pela seletividade migratória.

Tabela 6
Razões de sexo, por situação do domicílio - 1960/1996

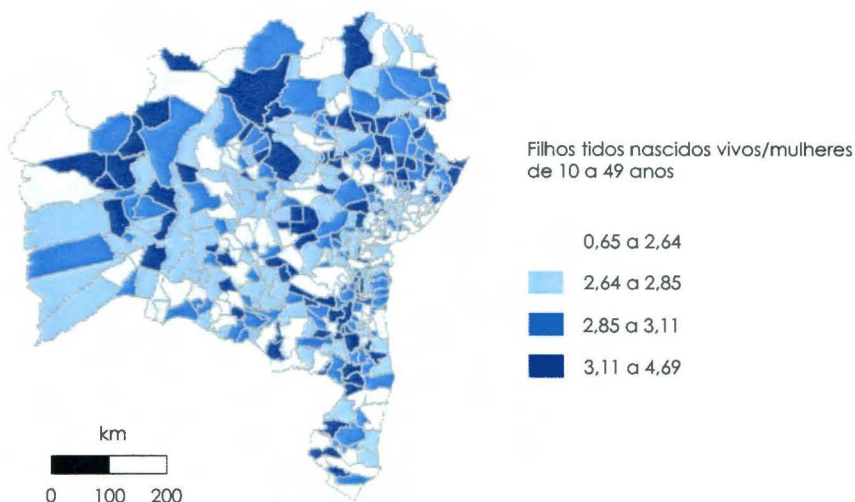
Anos	Razões de sexo (%)		
	Total	Urbana	Rural
1960	95,70	87,12	100,51
1970	95,61	89,15	100,41
1980	97,48	92,37	102,72
1991	97,47	92,21	105,61
1996	97,24	92,31	106,01

Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991 e Contagem da População 1996, microdados; Censo demográfico 1960-1970. Rio de Janeiro: IBGE, 1966-1973.

Até o início dos anos 80 a estrutura etária da população brasileira, dada pelos Censos Demográficos, vinha mostrando traços marcantes de uma população predominantemente jovem, fruto da persistência dos altos níveis da fecundidade no País. Muito embora a fecundidade tenha experimentado declínios paulatinos, desde meados da década de 60, momento em que se introduziu no Brasil os métodos anticonceptivos orais, a base da pirâmide etária da população manteve-se alargada até 1980, como resultado do elevado número de mulheres em idade fértil ainda procriando².

A pronunciada entrada na base da pirâmide etária de 1991 reflete a queda da fecundidade ocorrida na década. Entretanto, a composição etária revelada para o Estado da Bahia apresentou características de uma população ainda jovem, porém com tendências ao envelhecimento, como pode ser observado pelo deslocamento populacional das *coortes* intermediárias. Neste sentido, os resultados da Contagem da População 1996 acentuaram o estreitamento na base da pirâmide etária, intensificando o processo de redução do peso relativo do contingente de jovens na população total.

² As estimativas de fecundidade foram obtidas utilizando-se as informações sobre o número de filhos vivos até a data do censo (fecundidade acumulada) e do número de filhos nascidos vivos nos 12 meses anteriores a mesma data (fecundidade recente).

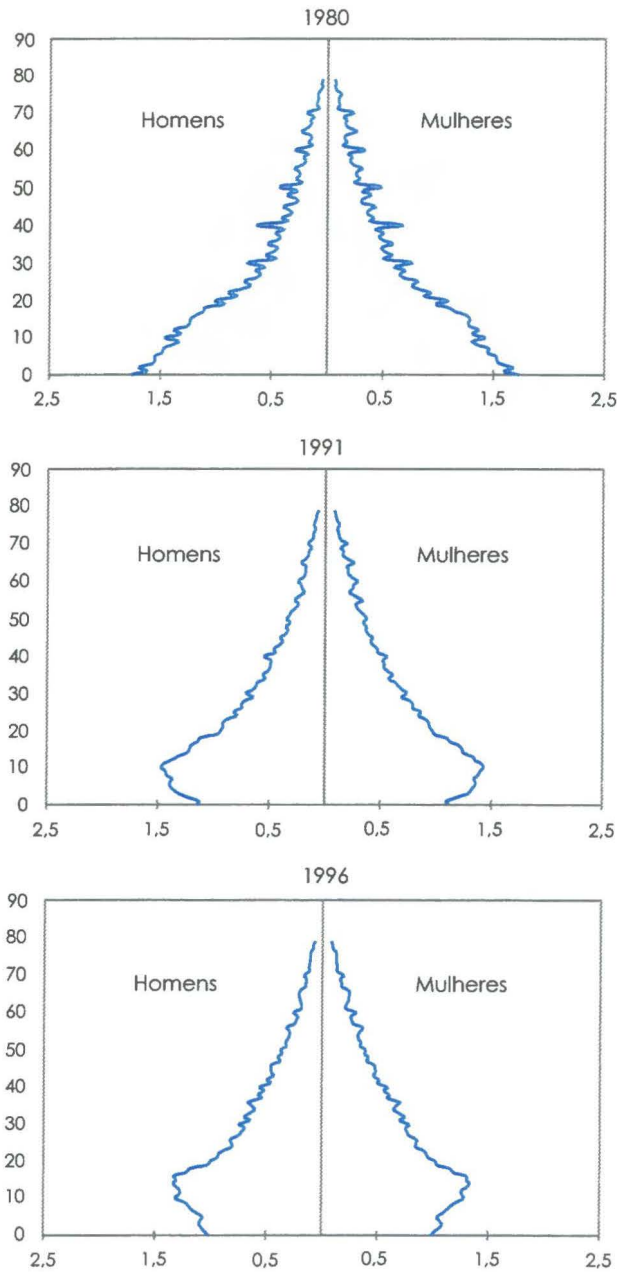
Número médio de filhos tidos nascidos vivos - 1991

Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1991, microdados; Malha municipal digital do Brasil [CD-ROM]: situação em 1991 e 1994. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

As alterações observadas na estrutura etária foram importantes e ocorreram, em grande parte, a partir da última década. O declínio generalizado da fecundidade no País, conjugado à redução da mortalidade, contribuiu de forma decisiva para que as mudanças processadas na composição por idade da população fossem observadas, particularmente quando se recorta a população segundo as situações de residência urbana e rural. Tais alterações caracterizaram fundamentalmente o início do processo de envelhecimento da população brasileira.

A relação entre a população que, em termos etários, pertenceria à condição de inativa (grupos 0 a 14 e 65 anos ou mais de idade) e o contingente potencialmente ativo (15 a 64 anos de idade) permite estabelecer o indicador razão de dependência que denota, em linhas gerais, o peso dos jovens e dos idosos sobre o segmento populacional que, em princípio, poderia estar exercendo alguma atividade produtiva.

**Composição etária da população total,
por idade individual**



Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991 e Contagem da População 1996, microdados.

Tabela 7
Distribuição etária dos grandes grupos populacionais - 1960/1996

Grandes grupos populacionais	Distribuição (%)				
	1960	1970	1980	1991	1996
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
0 a 14 anos	44,44	45,40	43,99	39,69	34,99
15 a 64 anos	52,59	51,52	51,85	55,54	59,75
65 anos ou mais	2,97	3,07	4,16	4,78	5,26

Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991 e Contagem da População 1996, microdados; Censo demográfico 1960-1970. Rio de Janeiro: IBGE, 1966-1973.

Nota: As diferenças apresentadas entre soma de parcelas e respectivos totais são provenientes do critério de arredondamento.

Assim, a Contagem da População 1996 mostrou, para o total do estado, uma relação de 67 jovens e idosos para cada 100 pessoas potencialmente ativas. A partir destes resultados pode-se constatar o impacto do processo de estreitamento na base da pirâmide etária, principal fator responsável pela diminuição da razão de dependência, no transcurso desses cinco anos. As diferenças observadas nas razões de dependência referentes às áreas urbana e rural, em 1996, são significativas. Enquanto o peso dos jovens (0 a 14 anos) e idosos (65 anos ou mais) sobre a população com idades entre 15 e 64 anos, residentes no contexto urbano do estado, correspondia a 61,05%, nas áreas rurais este indicador alcançou 79,08%.

A parcela de jovens (34,99%) ainda influencia no cálculo convencional da razão de dependência, enquanto que a contribuição dos idosos (5,26%) é pequena.

Em 1991, a idade de 18,5 anos dividia a população em dois blocos de 50% cada. Já em 1996, a idade mediana chegou a 20,5 anos. No que tange aos diferenciais entre sexos, a idade mediana calculada para os homens atingiu 19,9 anos, enquanto que a referente às mulheres se posicionou nos 21,0 anos de idade. Este comportamento diferencial da idade mediana de homens e mulheres explica-se pela maior expectativa de vida das mulheres.

Tabela 8
Razão de dependência, por situação do domicílio - 1960/1996

Anos	Razão de dependência (%)		
	Total	Urbana	Rural
1960	90,14	82,28	94,54
1970	94,09	87,39	99,08
1980	92,86	82,87	103,69
1991	80,06	71,98	93,20
1996	67,38	61,05	79,08

Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991 e Contagem da População 1996, microdados; Censo demográfico 1960-1970. Rio de Janeiro: IBGE, 1966-1973.

Tabela 9
Idade mediana da população residente, por sexo - 1980/1996

Anos	Idade mediana		
	Total	Homens	Mulheres
1980	16,5	16,2	16,9
1991	18,5	18,0	19,0
1996	20,5	19,9	21,0

Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991 e Contagem da População 1996, microdados.

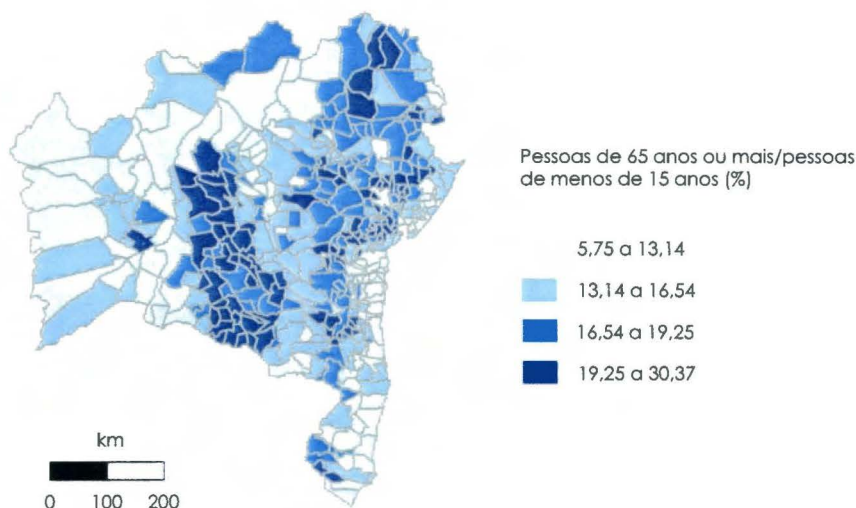
Um importante indicador que está relacionado à estrutura etária de uma população é aquele que relaciona a população idosa com o contingente de crianças. Trata-se de uma derivação do índice de envelhecimento populacional que se presta a significativos estudos comparativos. O entendimento desse índice traduz-se pelo fato de que quanto maior sua magnitude, mais elevada é a proporção de idosos (65 anos ou mais) em relação à proporção de crianças (menos de 15 anos).

As estimativas atualmente disponíveis sugerem que esse índice deverá continuar crescendo no estado, a partir da diminuição

da proporção da população jovem. Os níveis mais elevados são encontrados nos estados pertencentes à Região Sudeste. Quando se estabelecem comparações regionais, percebe-se, inicialmente, que o índice se eleva em praticamente todas as regiões, o que reflete a influência da continuada queda da fecundidade e simultaneamente, o aumento consistente da esperança média de vida.

Em 1960, existiam 6 idosos para cada 100 crianças. Em 1996, para cada 15 pessoas com 65 anos de idade ou mais, existiam 100 pessoas menores de 15 anos de idade, o que demonstra um expressivo aumento no valor desse indicador de envelhecimento.

Índice de envelhecimento - 1996



Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Contagem da População 1996, microdados; Malha municipal digital do Brasil [CD-ROM]: situação em 1991 e 1994. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

Nupcialidade

A composição por estado conjugal da população de 15 anos ou mais do Estado da Bahia caracteriza-se pela proporção de 54,45% de pessoas casadas e de praticamente um terço de solteiros. No período de 1980-1991, a participação de separados, desquitados e divorciados revelou crescimento.

Tabela 10
Proporção de pessoas de 15 anos ou mais de idade, por sexo,
segundo o estado conjugal - 1980/1991

Estado conjugal	Sexo (%)					
	Total		Homens		Mulheres	
	1980	1991	1980	1991	1980	1991
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Solteiros	36,24	36,24	39,23	40,04	33,39	32,63
Casados	56,29	54,45	57,69	55,81	54,96	53,14
Separados	2,29	3,97	1,16	2,20	3,37	5,65
Desquitados	0,18	0,41	0,12	0,26	0,23	0,56
Divorciados	0,02	0,21	0,02	0,12	0,03	0,29
Viúvos	4,98	4,72	1,79	1,57	8,01	7,72

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991, microdados.

Nota: As diferenças apresentadas entre soma de parcelas e respectivos totais são provenientes do critério de arredondamento.

Tais transformações ocorreram indistintamente, tanto na área urbana quanto na rural do estado. Apenas os níveis variaram de acordo com os estratos, de forma que nas áreas urbanas encontraram-se proporções mais elevadas de pessoas solteiras, separadas, desquitadas, divorciadas e de viúvos, isto é, de pessoas que não estariam, por ocasião do Censo Demográfico 1991, vivendo em união. Já na área rural predominavam os casados.

A exemplo do que vem ocorrendo em algumas regiões do mundo, os tipos de união também sofreram alterações substanciais. Em 1980, no Estado da Bahia, prevaleciam as uniões realizadas no *civil e religioso*, seguidas das *uniões somente no religioso*, enquanto as *uniões consensuais* já assinalavam crescimento. Em 1991, a tendência persistiu quanto às uniões realizadas no *civil e religioso*, e a proporção de *uniões consensuais* apresentou um aumento de 36,36%.

Tabela 11
Proporção de pessoas de 15 anos ou mais de idade, casadas,
por situação do domicílio, segundo o tipo de união - 1980/1991

Tipo de união	Situação do domicílio (%)					
	Total		Urbana		Rural	
	1980	1991	1980	1991	1980	1991
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Civil e religiosa	37,12	36,79	42,21	37,33	32,42	36,03
Somente civil	20,17	21,81	22,43	24,29	18,08	18,28
Somente religiosa	23,55	15,26	12,68	9,05	33,56	24,09
União consensual	19,17	26,14	22,67	29,33	15,93	21,60

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991, microdados.

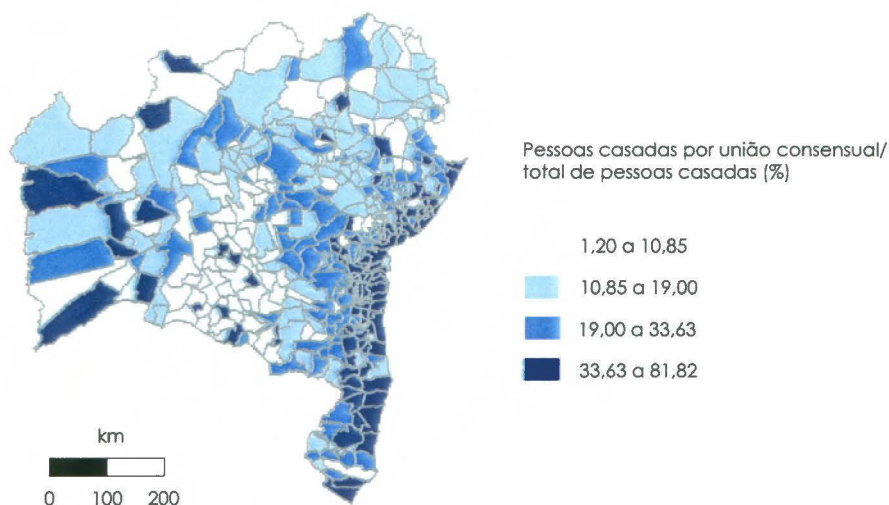
Nota: As diferenças apresentadas entre soma de parcelas e respectivos totais são provenientes do critério de arredondamento.

Acompanhando o comportamento do total do estado, o crescimento das uniões consensuais foi significativo tanto na área urbana quanto na área rural, em relação ao censo passado.

A distribuição das proporções de solteiros em uma população fornecem importantes indicadores da nupcialidade. As proporções nos grupos de 20 a 24 anos e 40 a 44 anos indicam, respectivamente, a idade média à primeira união e a prevalência do celibato. Para efeito de comparabilidade com o Censo Demográfico 1970 e Censo Demográfico 1980, estimou-se a idade média ao casar das pessoas de 15 anos ou mais através dessa proporção, e como resultado observou-se que a idade média calculada para 1991 manteve-se praticamente no mesmo patamar daquela observada no Censo Demográfico 1980.

Com a introdução de novo quesito no Censo Demográfico 1991 (*mês e ano em que contraiu a primeira união*), tornou-se possível a obtenção da estimativa direta da idade média ao contrair a primeira união, que envolveu para efeito de cálculo, as pessoas de 10 anos ou mais, diferindo da estimativa anteriormente utilizada

**Proporção de pessoas de 10 anos ou mais casadas,
por união consensual - 1991**



Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1991, microdados; Malha municipal digital do Brasil [CD-ROM]: situação em 1991 e 1994. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

(obtida através da proporção de solteiros), que considerou a população de 15 anos ou mais, tendo em vista a comparabilidade com as informações resultantes dos demais censos. Portanto, a idade média obtida de forma direta para o total foi de 23,4 anos, para os homens 25,6 anos e para as mulheres 21,3 anos. A idade média das mulheres ao casar é relativamente baixa quando comparada com a dos homens. Assim, observa-se que os homens casam com quatro anos a mais que as mulheres.

No último censo, foi introduzido um outro quesito que possibilitou a obtenção de importantes indicadores da nupcialidade: *Mês e ano que passou a viver com cônjuge atual ou mês e ano em que passou a viver a situação indicada.*

No tocante ao número de uniões conjugais, 95,09% das pessoas de 10 anos ou mais teriam contraído apenas uma união, sendo que os homens apresentaram maior incidência de duas ou mais uniões em relação às mulheres. A maior frequência de mais de uma união é uma característica urbana.

Migrações internas

As informações censitárias de 1991 e de 1996 revelam o aprofundamento de algumas tendências e o surgimento de novos padrões localizados de distribuição espacial da população. A redução da intensidade das migrações interestaduais, que se processou na década de 80, prosseguiu no primeiro quinquênio da década de 90. No Estado da Bahia a aparente estabilidade nas proporções de não-naturais no total do estado foi influenciada pela dinâmica migratória observada nas áreas urbana e rural. A área urbana do estado detinha a maior proporção de migrantes em 1991, fato também observado em 1980. As mulheres são maioria no conjunto de pessoas não-naturais do município (52,79%). No meio rural, a proporção de homens supera a de mulheres, enquanto que o urbano dita o padrão estadual.

Tabela 12
Proporção de pessoas não-naturais do município,
segundo a situação do domicílio atual - 1980/1991

Situação do domicílio atual	Proporção de pessoas não-naturais (%)	
	1980	1991
Total	22,70	23,31
Urbana	31,46	31,34
Rural	14,20	11,68

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991, microdados.

Os imigrantes interestaduais, que correspondem aos brasileiros natos residentes no estado e nascidos em outras Unidades da Federação, foram contabilizados, em 1991, como de maior procedência, vindos da própria Região Nordeste, especificamente do Estado de Pernambuco. Nesse conjunto, os homens imigrantes predominam no fluxo dos pernambucanos. A Região Sudeste muito contribuiu para o conjunto dos imigrantes interestaduais, notadamente os Estado de Minas Gerais e São Paulo.

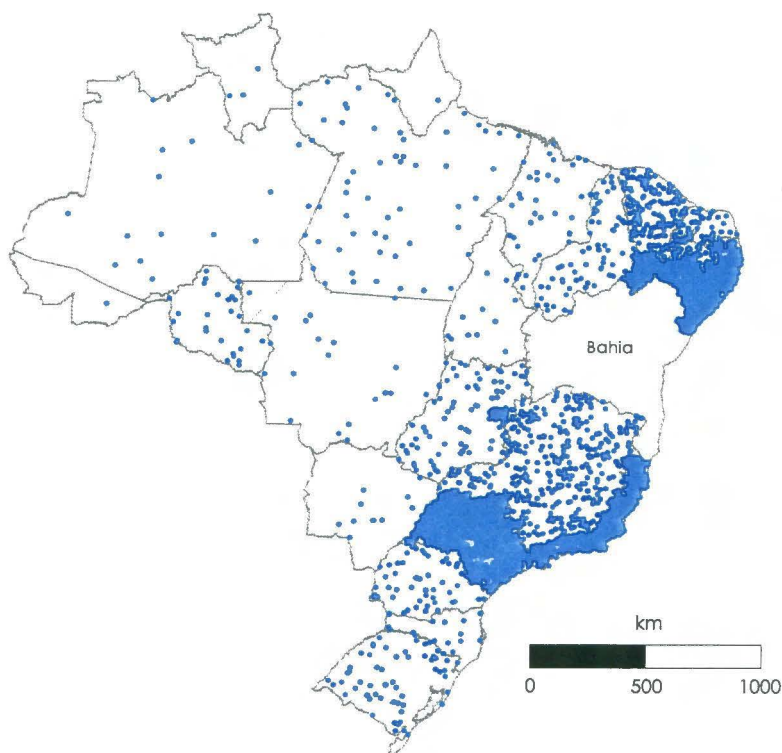
Os imigrantes intermunicipais, ou seja, aqueles indivíduos não-naturais do município de residência, mas nascidos no estado, for-

mavam, em 1991, um conjunto expressivo de 77,39%, em relação ao total de migrantes do estado.

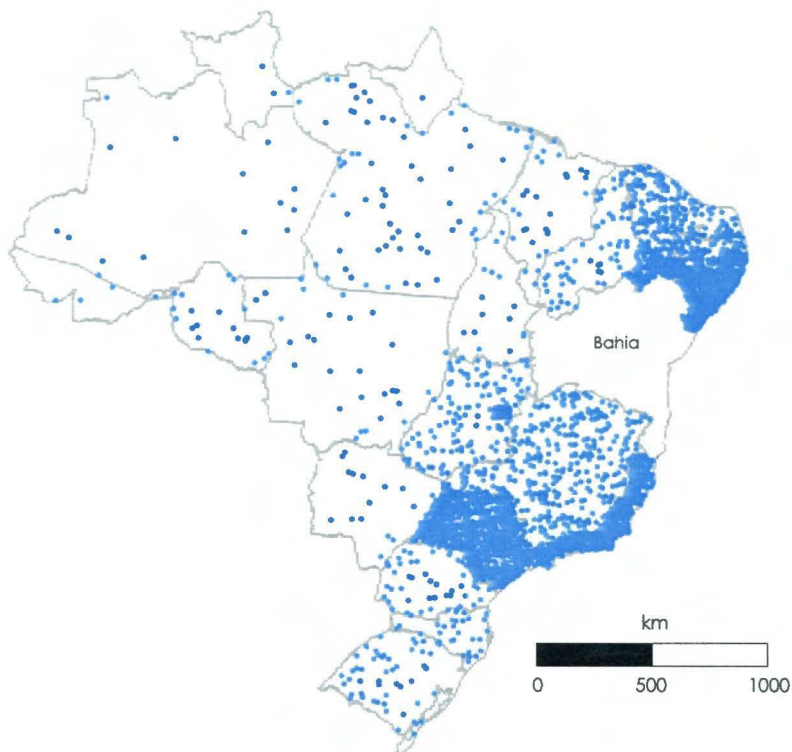
Do conjunto de pessoas não-naturais do município onde residem, as pessoas que migraram a menos de dez anos correspondiam em 1991 a 48,04%.

Os mapas, a seguir, mostram a proporção de migrantes interestaduais, nos cinco anos anteriores ao Censo Demográfico 1991 e à Contagem da População 1996, identificados pela Unidade da Federação de origem. Os resultados mostram que os fluxos migratórios mantiveram a mesma tendência nos dois censos.

**Pessoas residentes na Bahia há menos de 5 anos,
segundo o estado de origem - 1991**



**Pessoas residentes na Bahia há menos de 5 anos,
segundo o estado de origem - 1996**



Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Contagem da População 1996, microdados; Malha municipal digital do Brasil [CD-ROM]: situação em 1991 e 1994. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

Características sociais e econômicas

Raça ou cor

A última investigação do quesito sobre raça ou cor nos censos é proveniente do Censo Demográfico 1991, onde foram consideradas cinco categorias para que o entrevistado pudesse se classificar quanto a sua raça ou cor: branca, preta, parda, amarela e indígena. Para a cor parda incluiu-se a pessoa que se declarou mulata, mestiça, cabocla, mameluca, etc. Já a cor amarela aplicou-se à pessoa de origem oriental e seus descendentes. Não foi considerada nesta categoria a pessoa que tinha a pele amarelada, por sofrer de moléstias, tais como: impaludismo, malária, amarelão, etc.

As pessoas do Estado da Bahia classificaram-se, em sua maioria, segundo o último levantamento censitário, como sendo de cor parda (69,32%). Este contingente, em 1980, representava 66,66%. Enquanto o percentual das pessoas pardas crescia, declinava o das pessoas que se declaravam como sendo de cor branca, passando de 21,98% em 1980, para 20,30% em 1991. A proporção de pessoas de cor preta declinou em 9,53%, no período de 1980-1991. As pessoas de cor amarela ainda são consideradas minoria no estado.

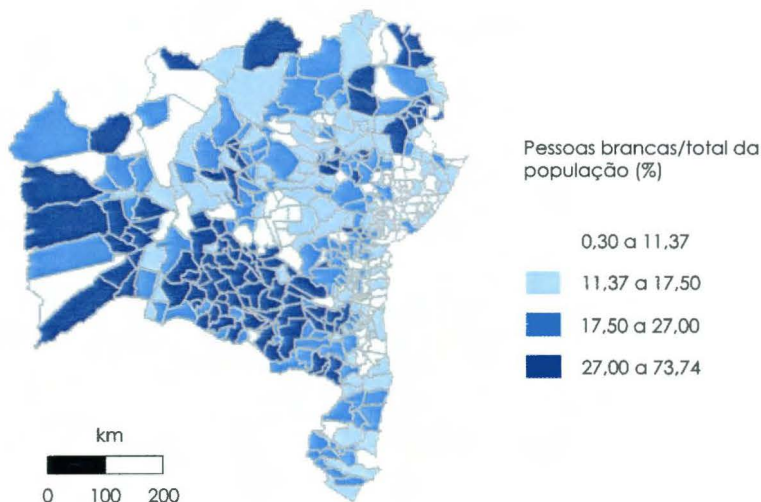
No Censo Demográfico 1991, pesquisou-se a população indígena de forma distinta da de 1980, isto é, em separado das pessoas de cor parda. Pode-se quantificar esta proporção em 0,14% no total do estado. Cabe assinalar que a investigação da população indígena se aplicou não só aos que viviam em aldeamento, como também aos indígenas e seus descendentes que viviam fora de aldeamento. Esta distinção se percebe quando é analisado o diferencial segundo a situação do domicílio, pois do total dos índios residindo no estado, 56,41% habitavam a área rural.

Tabela 13
Proporção da população residente, por situação do domicílio, segundo a raça ou cor - 1980/1991

Raça ou cor	Situação do domicílio (%)					
	Total		Urbana		Rural	
	1980	1991	1980	1991	1980	1991
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Branca	21,98	20,30	22,51	21,06	21,46	19,20
Preta	11,23	10,16	12,55	10,66	9,94	9,43
Amarela	0,13	0,08	0,10	0,09	0,15	0,07
Parda	66,66	69,32	64,83	68,08	68,44	71,11
Indígena	-	0,14	-	0,10	-	0,19

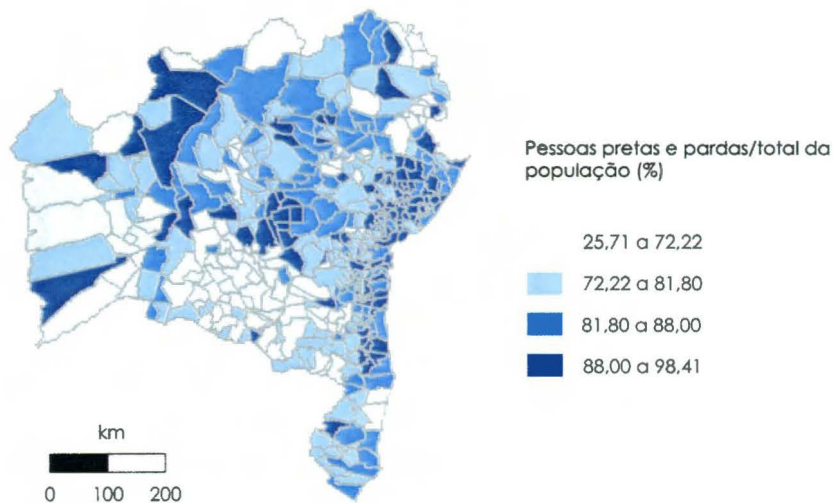
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991, microdados.

Proporção da população branca - 1991



Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1991, microdados; Malha municipal digital do Brasil [CD-ROM]: situação em 1991 e 1994. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

Proporção da população negra - 1991



Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1991, microdados; Malha municipal digital do Brasil [CD-ROM]: situação em 1991 e 1994. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

Dentro das características sociais e econômicas, foi selecionado o diferencial existente entre a raça ou cor com a proporção de anos de estudos praticados por essa população de 5 anos ou mais de idade e o setor econômico de atividade das pessoas de 10 anos ou mais, objetivando qualificá-la no contexto social. Independentemente da raça ou cor das pessoas, ainda não se alcançaram percentuais adequados para o volume de pessoas com escolaridade equivalente ao primeiro grau. Entre as pessoas de cor preta ou parda, mais de 80,00% não conseguem completar metade do primeiro grau e as pessoas de cor branca caracterizam-se no mesmo quadro, revelando uma ligeira vantagem. Quanto ao setor econômico de atividade, as pessoas de cor preta ou parda concentram-se nas atividades de agropecuária, extração vegetal e pesca com proporção acima de 35,00%, e as de cor branca representam 35,35% nesta atividade.

Tabela 14
Proporção da população residente, por raça ou cor,
segundo as classes de anos de estudo - 1991

Classes de anos de estudo	Raça ou cor (%)		
	Branca	Preta	Parda
Total	100,00	100,00	100,00
Sem instrução e menos			
de 1 ano	35,32	49,63	45,04
1 a 3 anos	22,79	23,56	24,70
4 anos	11,72	9,70	10,46
5 a 7 anos	8,77	7,53	8,41
8 anos	3,95	2,80	3,03
9 a 11 anos	12,57	5,98	7,31
12 anos ou mais	4,86	0,78	1,03
Não determinados	0,02	0,02	0,02

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1991, microdados.

Tabela 15
Proporção da população ocupada de 10 anos ou mais, por raça ou cor, segundo o setor econômico de atividade - 1991

Setor econômico de atividade	Raça ou cor (%)		
	Branca	Preta	Parda
Total	100,00	100,00	100,00
Agropecuária, extração vegetal e pesca	35,35	38,47	41,34
Indústria de transformação	5,98	6,89	6,46
Indústria da construção civil	4,50	8,23	6,73
Outras atividades industriais	2,23	2,43	2,15
Comércio de mercadorias	13,17	9,11	10,45
Transporte e comunicação	3,51	3,13	3,38
Prestação de serviços (1)	15,98	21,54	17,39
Social	11,17	5,70	7,00
Administração pública	4,90	3,23	3,43
Outras atividades	3,22	1,27	1,67

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1991, microdados.

Nota: As diferenças apresentadas entre soma de parcelas e respectivos totais são provenientes do critério de arredondamento.

(1) Inclusive os serviços auxiliares da atividade econômica.

Religião

No Estado da Bahia, predomina largamente o catolicismo (86,90%), percentual abaixo do de 1980, que era 94,23%. O segundo maior percentual corresponde às pessoas sem religião (5,88%), que em 1980 representavam 1,26%, seguido mais de perto das pessoas evangélicas (5,77%). Os demais tipos têm percentuais insignificantes. Cabe assinalar que as informações são provenientes da declaração da seita, culto ou ramo da religião professada.

O Censo Demográfico 1991 adotou uma nova classificação para os diversos tipos de religião e procurou-se compatibilizá-los com os censos anteriores.

Tabela 16
Proporção da população residente, por sexo,
segundo a religião - 1980/1991

Religião	Sexo (%)					
	Total		Homens		Mulheres	
	1980	1991	1980	1991	1980	1991
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Cristã tradicional	94,23	86,90	94,45	87,35	94,01	86,45
Cristã reformada	3,32	5,77	3,00	4,80	3,64	6,70
Mediúnica	0,39	0,66	0,36	0,55	0,43	0,76
Judaica ou Israelita	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,00
Oriental	0,02	0,05	0,02	0,05	0,02	0,06
Outras (1)	0,76	0,74	0,72	0,60	0,81	0,88
Sem religião	1,26	5,88	1,43	6,65	1,08	5,14

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991, microdados.

Nota: As diferenças apresentadas entre soma de parcelas e respectivos totais são provenientes do critério de arredondamento.

(1) Inclusive Neocristã.

Os tipos de religião são constituídos da seguinte forma:

- Cristã Tradicional
 - Católica Apostólica Romana - 86,20%
 - Católica Apostólica Brasileira - 0,68%
 - Católica Apostólica Ortodoxa - 0,01%
- Cristã Reformada
 - Evangélica Tradicional - 2,32%
 - Evangélica Pentecostal - 3,38%
- Neocristã
 - Mórmon - 0,01%
 - Testemunha de Jeová - 0,71%
 - Outra - 0,00%

- Mediúnica
 - Espírita - 0,54%
 - Umbandista - 0,05%
 - Candomblé - 0,06%
- Judaica ou Israelita
- Oriental
 - Budismo - 0,02%
 - Messiânica - 0,02%
 - Outra - 0,02%
- Outra
- Sem religião
- Não determinada, Maldefinida e Sem declaração.

Deficiência física ou mental

As estatísticas acerca da população brasileira com algum tipo de deficiência física ou mental, até então, eram descontínuas e insuficientes. O Censo Demográfico 1991 preencheu esta lacuna com a investigação do número de deficientes nos diversos estados e municípios brasileiros. Vale ressaltar, para efeito de comparação, que o Censo Demográfico 1991 pesquisou somente dados sobre deficientes graves, por exemplo: os cegos, os surdos ou mudos. Muitos países pesquisam desta forma, para não sobrecarregar o questionário do censo. Porém, o critério sugerido pela Organização das Nações Unidas, no documento *Princípios e Recomendações para os Censos de População e Habitação*, é mais abrangente, porque amplia o grupo de pessoas com incapacidade, por exemplo: as pessoas com dificuldades de visão (as quais os cegos são um

subgrupo) ou as pessoas com dificuldade de audição (as quais os surdos são um subgrupo).

Como deficientes mentais foram consideradas as pessoas com retardamento mental resultante de lesão ou síndrome irreversível, que se manifesta durante a infância e se caracteriza por grande dificuldade de aprendizagem e adaptação social. Não foram consideradas como tais, as pessoas que apresentam perturbação ou doença mental do tipo neuróticos, psicóticos, esquizofrênicos, vulgarmente denominados loucos ou malucos.

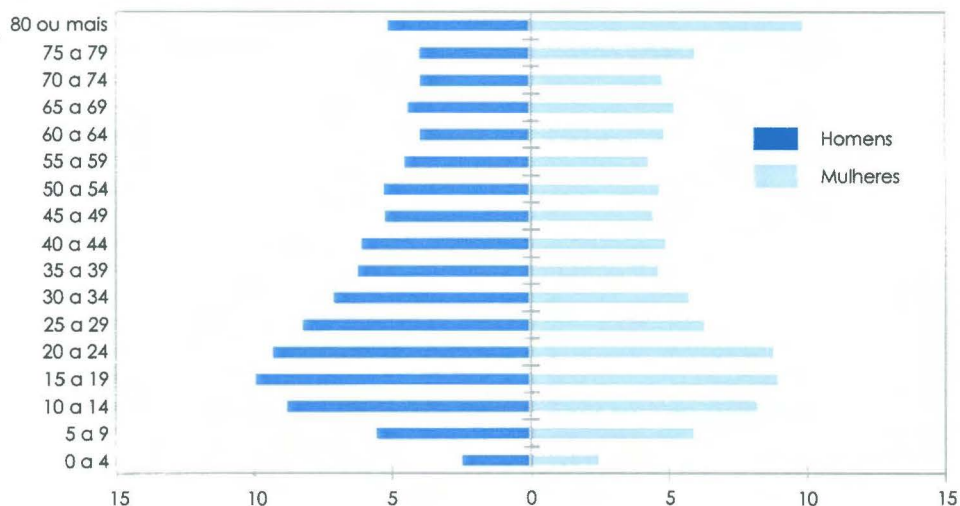
No Estado da Bahia, existem aproximadamente 127 347 deficientes físicos ou mentais, logo a proporção de pessoas com algum tipo de deficiência no total do estado é bastante pequena, atingindo a 1,07% (com este percentual percebe-se que 98,93% das pessoas não enumeraram nenhum dos tipos de deficiências investigadas). A proporção de pessoas do sexo masculino com algum tipo de deficiência correspondeu a 1,23% e as do sexo feminino 0,92%. O excedente de deficientes do sexo masculino em relação ao feminino correspondeu a 16 501 pessoas.

Do total de deficientes do estado, 58,34% eram deficientes físicos, 36,57% eram deficientes mentais e 5,09% possuíam mais de um tipo de deficiência. Apesar dos tipos de doenças mentais anteriormente mencionados não serem considerados, acredita-se que foram incorretamente incluídos, devido ao alto percentual apresentado por este tipo de deficiência.

O padrão da estrutura etária da população deficiente caracteriza-se por uma proporção pequena no grupo de jovens (0 a 14 anos), significando um número reduzido de nascimentos com deficiência. O aumento gradativo nas diversas faixas etárias demonstra a relação existente com doenças e acidentes posteriormente ao nascimento, caracterizando deficiência adquirida. Já a proporção de pessoas acima de 65 anos de ida-

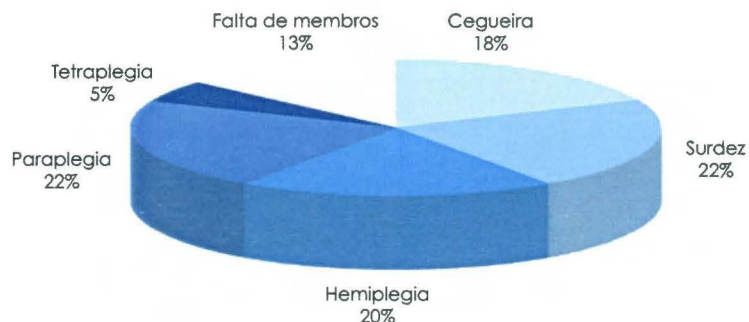
de alcança 21,11% do total de deficientes. Como a mortalidade masculina nesta faixa é maior, existindo a sobrevida feminina, a proporção de mulheres deficientes, em muitos casos por doença, é bem mais elevada.

Composição, por sexo e idade das pessoas com algum tipo de deficiência física ou mental - 1991



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1991, microdados.

Proporção de pessoas com algum tipo de deficiência física, por tipo de deficiência - 1991



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1991, microdados.

Nível de escolaridade

As taxas de analfabetismo no Estado da Bahia vêm decrescendo nas últimas décadas. Para efeito de comparação com as informações da Contagem da População 1996, foi calculado para o Censo Demográfico 1991 o analfabetismo funcional, que é definido operacionalmente como o não-domínio de habilidades em leitura, escrita, cálculos e ciências, em correspondência a uma escolaridade fundamental de quatro séries completas, ou do antigo ensino primário. A taxa de analfabetismo funcional calculada para 1996 foi 50,30%, bem inferior à de 1991 que era 70,94%.

O nível educacional da população do Estado da Bahia continua em ascensão, entretanto ainda não pode ser considerado o ideal. A taxa de escolarização, que consiste na proporção de pessoas que freqüentam escola, apresenta proporções expressivas, porém o contingente de crianças fora da escola ainda é elevado. A cobertura do sistema educacional do estado vem se expandindo e retendo os jovens por mais tempo na escola.

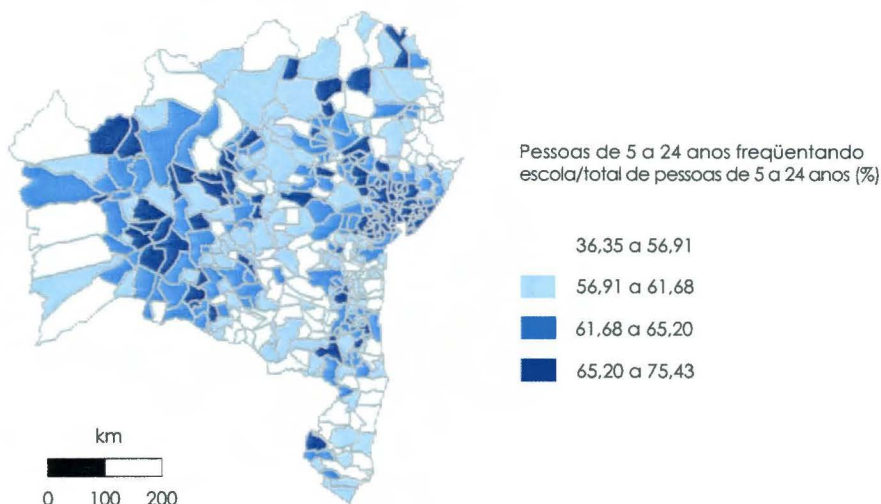
No período de 1991-1996, observa-se um aumento nas taxas de escolarização dos grupos etários infanto-juvenis (5 a 24 anos), que em princípio constituem, na sociedade, a população escolarizável ideal.

Tabela 17
Taxas de escolarização das pessoas de 5 a 24 anos,
segundo os grupos de idade - 1991/1996

Grupos de idade	Taxas de escolarização (%)					
	1991			1996		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Total	48,79	46,03	51,56	63,63	62,08	65,19
5 a 9 anos	50,88	49,43	52,37	78,39	77,24	79,56
10 a 14 anos	70,59	67,43	73,80	87,18	85,93	88,43
15 a 19 anos	46,36	41,64	51,11	57,78	55,10	60,50
20 a 24 anos	15,68	13,19	18,09	20,05	17,94	22,09

Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1991 e Contagem da População 1996, microdados.

Taxa de escolarização das pessoas de 5 a 24 anos - 1996



Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Contagem da População 1996, microdados; Malha municipal digital do Brasil [CD-ROM]: situação em 1991 e 1994. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

Família

Para melhor entendimento da organização socioeconômica da família é necessário conhecer informações acerca da sua estrutura, da composição, do tamanho, do tipo e de algumas características econômicas do grupo familiar. O texto restringe-se a fornecer uma visão geral dessas características, enfatizando a situação do responsável ou chefe da unidade familiar. Considerou-se como *Família*, nos Censos Demográficos, as pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência que moravam no mesmo domicílio; a pessoa sozinha que morava em Domicílio Particular e ao conjunto de, no máximo, 5 pessoas que moravam em um Domicílio Particular, embora não estivessem ligadas por laço de parentesco e/ou dependência doméstica.

O comportamento do tamanho da família, nos últimos anos, vem sendo ditado pelo diferencial da fecundidade na situação domiciliar. A redução do número médio de pessoas por família está diretamente correlacionado ao crescente processo de urbanização, como também às modificações na dinâmica demográfico-social da unidade familiar.

Tabela 18
Número médio de pessoas por família,
segundo a situação do domicílio - 1980/1991

Situação do domicílio	Número médio	
	1980	1991
Total	4,84	4,37
Urbana	4,75	4,16
Rural	4,92	4,73

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991, microdados.

Os grupos familiares constituídos por uma única pessoa e aqueles formados por chefe, cônjuge e filhos vêm mantendo a supremacia ao longo dos censos. Entretanto, houve redução na proporção de famílias únicas e aumento na proporção de famílias conviventes no período de 1980 a 1991, o que pode ser um indicador de que estaria havendo indícios de mudanças nos padrões de convivência domiciliar, isto é, por dificuldades de moradia, estaria crescendo a tendência de coabitação.

Vale a pena ressaltar o aumento da representatividade das mulheres no papel de chefe de família, e da queda no percentual de chefes do sexo masculino no período de 1980-1991, no Estado da Bahia.

O enfoque do grau de escolaridade dos chefes de família pode ser analisado através das informações dos anos de estudo. Percebe-se ligeira melhoria no grau de escolaridade dos responsáveis pelo grupo familiar, com redução na proporção de chefes sem instrução, em contrapartida, aumento na proporção de chefes escolarizados (com 4 anos ou mais de anos de estudo).

Tabela 19
Proporção de famílias residentes em domicílios particulares permanentes, segundo o sexo do chefe da família - 1980/1991

Sexo do chefe	Proporção de famílias (%)	
	1980	1991
Total	100,00	100,00
Homens	82,23	77,62
Mulheres	17,77	22,38

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991, microdados.

Tabela 20
Proporção de famílias residentes em domicílios particulares permanentes, segundo as classes de anos de estudo do chefe da família - 1980/1991

Classes de anos de estudo do chefe	Proporção de famílias (%)	
	1980	1991
Total	100,00	100,00
Sem instrução e menos de 1 ano	55,46	42,73
1 a 3 anos	19,78	20,23
4 anos	12,36	13,77
5 a 8 anos	5,74	10,04
9 a 11 anos	4,35	10,05
12 anos ou mais	2,12	3,17
Sem declaração	0,19	0,01

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991, microdados.

Quanto à análise da distribuição das famílias, segundo a classificação dos chefes por setor de atividade diretamente envolvido, ressalta-se a predominância da agropecuária, extração vegetal e pesca, que foram os responsáveis pela absorção da maior parte da PEA, seguidos da prestação de serviços e do comércio de mercadorias, que apresentaram sensíveis aumentos em relação ao Censo Demográfico 1980.

Proporção de famílias, segundo o setor econômico de atividade do chefe - 1980/1991



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991, microdados.

Domicílio

O levantamento das características dos domicílios, através dos Censos Demográficos, permite o conhecimento de componentes essenciais e indispensáveis para mensuração da qualidade de vida da população. A influência que alguns fatores exercem sobre as formas mais dignas de sobrevivência pode ser analisada pelas condições de moradia e, principalmente, pelo acesso aos serviços de infra-estrutura do saneamento básico. As características estruturais dos domicílios são, tradicionalmente, investigadas somente para aqueles definidos como particulares permanentes.

A relação entre o total da população residente e o total de domicílios particulares permanentes representa o número médio de pessoas moradoras em uma unidade domiciliar.

No Estado da Bahia, a densidade domiciliar apresentou um declínio de 7,02% no último período censitário, passando de 4,70 em 1991 para 4,37 em 1996. Este comportamento persistiu tanto na área urbana, com uma redução de 6,84%, quanto na área rural com

6,65%. Em 1980, tínhamos uma média de 5,15 de pessoas moradoras em domicílios particulares permanentes no estado.

Tabela 21
Densidade domiciliar,
segundo a situação do domicílio - 1980/1996

Situação do domicílio	Densidade domiciliar		
	1980	1991	1996
Total	5,15	4,70	4,37
Urbana	5,09	4,53	4,22
Rural	5,22	4,96	4,63

Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991 e Contagem da População 1996, microdados.

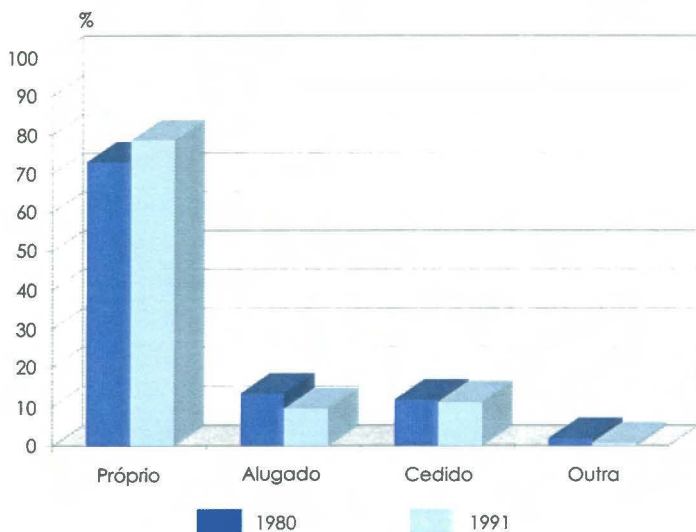
Os domicílios particulares permanentes foram classificados como duráveis, quando em sua construção predominavam paredes de alvenaria, taipa revestida ou madeira aparelhada, com cobertura de laje de concreto, telha de barro, telha de amianto ou madeira aparelhada. Para os domicílios rústicos, deveria haver a predominância de outros tipos de materiais, de durabilidade transitória, tanto na parede quanto na cobertura das residências, tais como: taipa não-revestida, zinco, palha, material reaproveitado, etc. Nos dois últimos levantamentos censitários, vem se observando um aumento das unidades duráveis,

Um sistema conveniente de distribuição de água potável, para consumo humano, é de vital importância para a saúde da população. Nos levantamentos censitários, o abastecimento de água sempre foi classificado de acordo com a fonte fornecedora e a existência ou não de distribuição interna no domicílio.

O Censo Demográfico 1991 revelou que, do total de domicílios particulares permanentes investigados, 52,49% estavam ligados à rede geral de distribuição de água e destes, 42,88% possuíam canalização que levava ao interior de pelo menos um dos cômodos da residência, sendo de apenas 9,61% aquelas que não contavam com pontos de água dentro da moradia.

A proporção de domicílios próprios no Estado da Bahia verificada no último censo em relação a 1980, revelou que houve um crescimento de 7,62% nesta condição de ocupação. Este fato pode ser explicado pela declínio na proporção dos domicílios alugados, que se apresenta na ordem de 28,82%. Percebe-se que um segmento da população tenha optado pela construção da própria moradia, sendo que a maioria (69,48%) era detentora do domínio pleno do terreno.

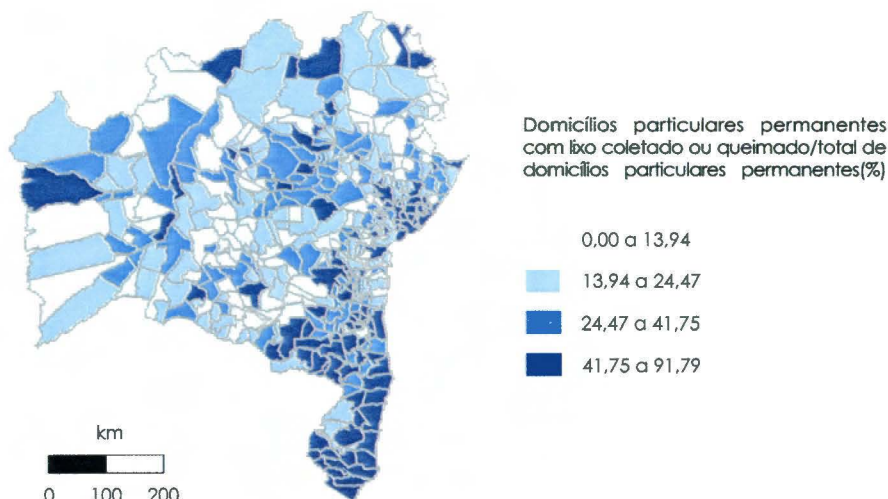
Proporção de domicílios particulares permanentes, segundo a condição de ocupação - 1980/1991



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991, microdados.

Embora o sistema de coleta de lixo não tenha sido investigado no Censo Demográfico 1980, esta informação foi amplamente pesquisada pelas pesquisas domiciliares da década passada. No Censo Demográfico 1991, ficou evidenciado que o controle e a coleta do lixo domiciliar atingiu 41,26% das moradias, sendo que destas 28,96% tiveram o recolhimento do lixo efetuado diretamente por serviços ou empresas públicas e particulares.

Proporção de domicílios com lixo tratado - 1991



Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1991, microdados; Malha municipal digital do Brasil [CD-ROM]: situação em 1991 e 1994, Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

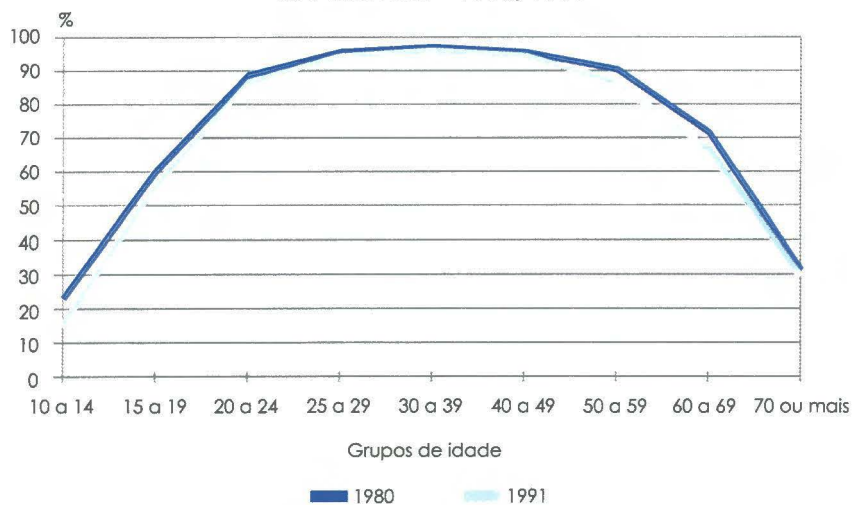
Características econômicas

Conforme os resultados do Censo Demográfico 1991, a população economicamente ativa representava 47,48% das pessoas de 10 anos ou mais de idade, sendo 68,16% para os homens e 27,67%, para as mulheres. Com respeito à evolução das desigualdades por sexo, conforme o tipo de trabalho, as informações do Censo Demográfico 1980 e Censo Demográfico 1991 permitem detectar avanços.

Os indicadores de atividades econômicas das pessoas de 10 anos ou mais de idade revelados pelo Censo Demográfico 1991, para o Estado da Bahia, confirmam um fenômeno mundial, que consiste na expansão do número de mulheres que trabalham em atividades remuneradas. Cabe ressaltar que este fenômeno atingiu todas as faixas etárias acima de 15 anos.

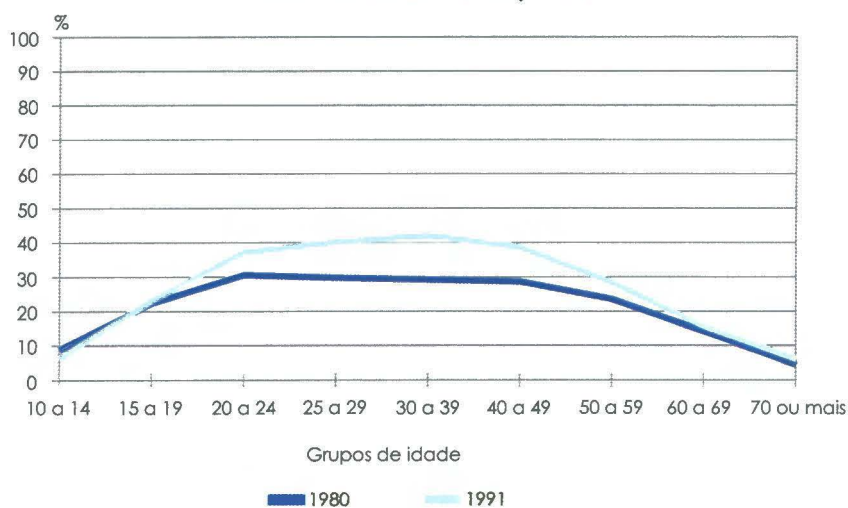
A concentração da taxa de participação específica por sexo nos grupos de idade vão desde 20 até 59 anos, implicando significativos aumentos na participação das mulheres.

Taxas específicas de atividade, segundo os grupos de idade dos homens - 1980/1991



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991, microdados.

Taxas específicas de atividade, segundo os grupos de idade das mulheres - 1980/1991



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991, microdados.

Dos setores de atividade, os que mais absorveram mão-de-obra foram o agropecuário, extração vegetal e pesca, seguidos da prestação de serviços e do comércio de mercadorias. E, quanto à absorção de mão-de-obra feminina, destacam-se a prestação de serviços e as atividades sociais, que juntas atingiram 48,98% das mulheres no mercado de trabalho.

Tabela 22
Distribuição percentual da população economicamente ativa,
segundo o setor econômico de atividade - 1980/1991

Setor econômico de atividade	Sexo (%)					
	Total		Homens		Mulheres	
	1980	1991	1980	1991	1980	1991
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Agropecuária, extração vegetal e pesca	48,28	38,30	54,04	46,25	30,76	19,55
Indústria de transformação	7,01	6,23	7,60	7,06	5,19	4,27
Indústria da construção civil	7,13	6,33	9,28	8,38	0,57	1,51
Outras atividades industriais	1,62	2,17	1,86	2,35	0,87	1,76
Comércio de mercadorias	7,60	10,48	7,34	9,89	8,39	11,87
Transporte e comunicação	3,08	3,34	3,83	4,20	0,80	1,33
Prestação de serviços (1)	12,04	16,88	6,89	11,25	27,69	30,17
Social	4,93	7,32	1,57	2,45	15,16	18,81
Administração pública	2,84	3,64	2,85	3,53	2,83	3,89
Outras atividades	1,93	1,87	1,81	1,71	2,31	2,25
Nenhum	3,54	3,44	2,91	2,94	5,44	4,59

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Censo Demográfico 1980-1991, microdados.

Nota: As diferenças apresentadas entre soma de parcelas e respectivos totais são provenientes do critério de arredondamento.

(1) Inclusive os serviços auxiliares da atividade econômica.

